

## A CONVERSÃO RÉGIA NA ANTIGUIDADE TARDIA. UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS BATISMOS DE CLÓVIS E ETELBERTO

Marcus Cruz<sup>i</sup>

Itajara Rodrigues Joaquim<sup>ii</sup>

**RESUMO:** A chegada e assentamento de milhares de pessoas oriundas de regiões fora do limes do Império Romano a partir, principalmente, do V século é um dos processos históricos mais complexos e polêmicos do campo historiográfico. Os recém-chegados, apesar de uma certa convivência com a cultura romana no limes, apresentam diferenças culturais marcantes em relação a população tardo romana. Uma dessas alteridades de enorme relevância concerne ao aspecto religioso. Diante da importância que a questão religiosa assume na Antiguidade Tardia essa divergência torna-se um difícil obstáculo a ser superado no processo de interação entre romanos e bárbaros nas diferentes monarquias tardo antigas ocidentais. Nesta oportunidade nos interessa refletir acerca de dois batizados, duas conversões de soberanos pagãos das nascentes monarquias bárbaras, Etelberto rei de Kent e Clóvis, rei dos francos que são narrados por dois clérigos, a saber: o venerável Beda e Gregório, bispo de Tours respectivamente para deslindar o papel deste fenômeno nas sociedades merovíngia e anglo-saxônica respectivamente.

**PALAVRAS-CHAVES:** Antiguidade Tardia; Reinos Bárbaros; Cristianismo; Venerável Beda; Gregório de Tours.

**ABSTRACT:** The arrival and settlement of thousands of people from regions outside the limes of the Roman Empire from mainly the V century is one of the most complex and controversial historical processes of historiographical field. The newcomers, despite some familiarity with the Roman limes in culture, exhibit striking cultural differences in relation to late Roman population. One such otherness of enormous relevance concerns the religious aspect. Given the importance that the religious question assumes in Late Antiquity this divergence becomes a difficult obstacle to overcome in the interaction between Romans and barbarians in different western late ancient monarchies process. Interested in this opportunity to reflect on two baptisms, two conversions of pagan rulers of springs barbarian monarchies, King Ethelbert of Kent and Clovis, king of the Franks which are narrated by two clerics, namely the venerable Bede and Gregory, bishop of Tours respectively to unravel the role of this phenomenon in the Merovingian and Anglo-Saxon societies respectively.

**KEYWORDS:** Late Antiquity; Barbarian Monarchies; Christianity; Venerable Bede; Gregory of Tours.

“Nesse tempo, veio Jesus da Galiléia ao Jordão até João, a fim de ser batizado por ele. Mas João tentava dissuadi-lo, dizendo: ‘Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti e tu vens a mim?’ Jesus, porém,

respondeu-lhe: 'deixa estar por enquanto, pois assim nos convém cumprir toda a justiça.' E João consentiu.

Batizado, Jesus subiu imediatamente da água e logo os céus se abriram e ele viu o Espírito de Deus descendo como uma pomba e vindo sobre ele. Ao mesmo tempo, uma voz vinda do céu dizia: 'Este o meu Filho amado, em quem me comprazo'"( Mt 3:13-17. )

Os conhecidos versículos do Evangelho de Mateus apresentam o batismo de Jesus, narrativa que encontramos, ainda que de forma mais resumida, mas mantendo a essência dos acontecimentos nos livros de Marcos e Lucas. Este episódio assume uma enorme relevância tanto para a compreensão da trajetória do homem de Nazaré, pois marca o início da missão pública de Jesus ou mesmo a sua desvinculação do grupo de João Batista (Puig, 2010:205-240; Theissen, 2004: 220-236). Quanto para o posterior desenvolvimento do cristianismo na medida em que desde os primeiros tempos o batismo passou a se constituir o rito de entrada do catecúmeno no seio da comunidade evangélica e por conseguinte o sinal externo da conversão à Boa Nova.

A expansão do cristianismo por toda extensão da bacia do Mediterrâneo, especialmente durante o período da Antiguidade Tardia (CRUZ, 2010:295-315), faz multiplicar as conversões. Pessoas de todos os grupos e extratos sociais passam a se integrar ao seio da Igreja cristã. Por sua importância alguns batismos assumem especial relevância, tais como os dos imperadores romanos como também os dos monarcas das recém surgidas monarquias romano-bárbaras, resultado do processo de estabelecimento de um miríade de povos bárbaros no território ocidental do Império Romano.

A chegada e assentamento de milhares de pessoas oriundas de regiões fora do *limes* do Império Romano a partir, principalmente, do V século é um dos processos históricos mais complexos e polêmicos do campo historiográfico. O debate em torno desta temática envolve questões que muitas vezes transcendem os termos da querela acadêmica.

Os recém-chegados, apesar de uma certa convivência com a cultura romana no *limes*, apresentam diferenças culturais marcantes em relação a população tardo romana. Uma dessas alteridades de enorme relevância concerne ao aspecto religioso. Todos os povos bárbaros que se assentaram na porção ocidental do Império Romano tinham divergências de cunho religioso com os habitantes locais, seja porque professavam uma heresia cristã seja por serem ainda pagãos.

Diante da importância que a questão religiosa assume na Antiguidade Tardia essa divergência torna-se um difícil obstáculo a ser superado no processo de interação entre romanos e bárbaros nas diferentes monarquias tardo antigas ocidentais. Nesta oportunidade nos interessa refletir acerca de dois batizados, duas conversões de soberanos pagãos das nascentes monarquias bárbaras, Etelberto rei de Kent e Clóvis, rei dos francos que são narrados por dois clérigos, a saber: o venerável Beda e Gregório, bispo de Tours respectivamente para deslindar o papel deste fenômeno nas sociedades merovíngia e anglo-saxônica respectivamente.

Nossa discussão, evidentemente, não se debruçara sobre a impossível questão de saber se Etelberto e Clóvis realmente se converteram, tornando-se cristãos exemplares, pois penetrar tão profundamente nas mentes dos homens não é um atributo do conhecimento histórico. Porém a adesão ao Evangelho desses soberanos possui uma grande relevância, pois significa não somente melhores condições de atuação para os elementos da instituição eclesiástica, mas também profundas transformações culturais e políticas no âmbito dessas sociedades.

Nossa abordagem terá uma perspectiva comparada no sentido proposto por Marc Bloch de aproximação entre elementos para determinar os pontos de contato e de diferença entre eles, permitindo assim simultaneamente percebemos as continuidades e rupturas (BLOCH, 1995: 87-93).

Em relação ao suporte documental para nossa reflexão optamos pela análise duas obras históricas, a saber os *Decem Libris Historiarum* de Gregório de Tours e a *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* do venerável Beda. Acerca das obras e dos autores é necessário tecermos algumas considerações.

O objetivo é, portanto, discutir as dimensões políticas que envolvem a conversão e o batismo desses monarcas, bem como as estratégias retóricas que embasam e sustentam a narrativas desses episódios. Para tanto é necessário conhecer tanto os personagens destes dois dramas como o ambiente nos quais estes se desenrolaram.

### **Gregório de Tours e o venerável Beda**

Gregório de Tours é um exemplo típico do bispo nas Gálias do século VI. Advinha de um grupo de famílias aristocráticas com amplas e fortes ligações com a

hierarquia eclesiástica e que havia ajudado a construir essa realidade social nos domínios merovíngios.

Georgius Florentius Gregorius, mais conhecido como Gregório de Tours, nasceu em 538 no seio de uma rica família galo-romana na Auvernia. Seus pais, Florêncio e Armentaria, tinham origens em poderosas famílias senatoriais estreitamente ligadas aos episcopados de Clemont e Langres, respectivamente.

A cronologia da infância do nosso autor é confusa e incerta. Seu pai teria em torno de quarenta anos quando Gregório nasceu e provavelmente morreu durante os primeiros anos de vida deste. Sua mãe decide, então, residir na região da Borgonha, onde possui propriedades, porém Gregório foi enviado para junto de seu tio paterno Galo na cidade Clemont para realizar sua educação. Após a morte deste tio (551), sua formação fica a cargo de Avito, que assume o bispado de Clemont. Alguns anos depois Gregório vai viver algum tempo com seu tio materno Nicecio em Lyon, onde é ordenado diácono em 563.

A ordenação de Gregório como bispo de Tours aconteceu no dia 20 de agosto de 573 e não de modo algum um acontecimento inesperado. Todos seus predecessores, com exceção de apenas cinco bispos, como o nosso autor testemunha, procediam de sua família, e seu antecessor imediato, Eufrônio, era primo de sua mãe.

Venâncio Fortunato revela que Gregório foi nomeado bispo pelo rei Sigeberto I (561-575), sendo consagrado em Reims pelo bispo Egídio. Sendo o relato de Venâncio Fortunato correto, e não temos motivos para duvidar da essência das informações, significa que Gregório foi imposto como bispo de Tours, possivelmente contra a vontade da população e do clero local, o que explicaria as diversas tentativas de depor o nosso autor da dignidade episcopal. No entanto, Gregório manteve-se como bispo de Tours até sua morte ocorrida em 594 ( ROUCHE,1996).

O bispado de Tours no século VI possuía grande importância política e religiosa, por isso mantinha uma relação estreita e frequente não somente com as cortes reais merovíngias, como também com os grandes dos reinos. A importância de Tours advinha tanto de sua posição estratégica na fronteira entre os reinos merovíngios quanto, e principalmente, por ser onde estava localizada a tumba de Martinho de Tours o que fazia da cidade o mais importante centro de peregrinação da Gália. Tal situação empurrou Gregório para o centro das lutas políticas dos reinos francos.

Além de suas atividades episcopais e políticas, Gregório foi um autor prolífico. Chegaram até nós sete obras comprovadamente de sua lavra e outras três cuja autoria é duvidosa.

A mais renomada e importante das produções bibliográficas de Gregório é a denominada *Decem libris historiarum* que ficou conhecida como *Historia Francorum*. Gregório começa a escrever sua história poucos anos depois de assumir o bispado de Tours e somente a completa no ano de sua morte, em 594. A cronologia da redação é a seguinte: Livros I a IV: 576-580; Livros V: 580; Livro VI: 584-585; Livro VII: 585-586; Livro VIII: 587; Livro IX: 587-590; Livro X: 591-594.

A obra narra as vicissitudes do mundo desde as origens deste até o tempo em que o autor vive. A composição da obra encontra-se visivelmente influenciada, em termos de concepção de história, pelas Crônicas de Eusébio e de Jerônimo como também pelas *Histórias* de Orósio. Apesar de narrar os acontecimentos em ordem cronológica, o *Decem libris historiarum* não se constitui numa crônica, na medida em que comenta e oferece vivaces descrições dos acontecimentos que considera importantes, algo incompatível com o gênero cronístico, neste sentido a obra de Gregório se aproxima mais da perspectiva orosiana.

As fontes utilizadas por Gregório na composição dos *Decem libris historiarum* são bastante variadas. Os dois primeiros livros estão baseados, principalmente, no Antigo e no Novo Testamento, nas crônicas de Eusébio e de Jerônimo, na *Historia adversus paganos* de Orósio e na *Historiæ sacræ* de Sulpício Severo. Enquanto os livros restantes são construídos com relatos orais, documentos de arquivo e a própria experiência do autor.

Os *Decem libris historiarum* apresenta uma importância vital para o conhecimento da Gália merovíngia, na medida em que é a única obra histórica, em parte contemporânea, que relata os acontecimentos entre o desaparecimento da autoridade romana até o final do VI século. Portanto, a única fonte literária para uma série de eventos do período.

Por sua vez Beda, o primeiro historiador a escrever uma obra acerca dos acontecimentos da Britânia sob o domínio bárbaro, conhecido também como Venerável Beda, monge de origem saxônica nasceu aproximadamente no ano de 672, não se sabe ao certo seu local de nascimento, é provável que tenha sido nos arredores de Wearmouth e Jarrow. Aos sete anos de idade foi entregue por seus pais ao abade Benedict, para ser criado no mosteiro de Wearmouth e

posteriormente foi encaminhado para o mosteiro de Jarrow com o abade Ceolfrid. Não se tem nenhuma informação a respeito de quem foram seus pais,

(...) mas podemos inferir que eles eram cristãos e, em virtude de sua associação com um homem como Benedict Biscop, era provavelmente bem-nascido. Nessa época era uma prática comum para os pais que estavam ansiosos para que seus filhos fossem educados, confiá-los aos cuidados de um mosteiro em uma idade adiantada, mas tal medida não implica, necessariamente, a devoção ao longo da vida para o monaquismo, e menos ainda qualquer desejo de se livrar de um filho indesejado (BLAIR, 1995, p, 5).

Passou toda sua vida no mosteiro, se dedicou aos estudos e às orações. Foi um grande estudioso de sua época, conhecia latim, grego, filosofia, matemática, teologia, música e hebraico. Ele dividia seu tempo entre seus maiores interesses, "*Eu me dediquei totalmente ao estudo da Bíblia (...) Eu sempre tive o prazer em aprender, ensinar e escrever*" (BEDE, 1994: xiv). No ano de 691 ele é ordenado como diácono e em 702 como padre. "*Beda morreu em 735, com um pouco mais de sessenta anos*" (GOFFART, 2005, p, 241). Ele viveu durante um período considerado calmo de sua sociedade,

Se tivesse nascido meio século antes Bede poderia muito bem ter se visto envolvido diretamente em algumas das muitas guerras decorrentes das tentativas de governantes ambiciosos para estender suas fronteiras ou para ganhar a supremacia sobre os vizinhos, e se ele tivesse morrido um pouco mais de meio século mais tarde, ele teria testemunhado o primeiro ataque Viking em seu próprio mosteiro (BLAIR, 1995, p, 5).

Ele também era muito bem relacionado, a primeira pessoa a ler o manuscrito de sua obra *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*, para fazer correções e apontamentos, foi o próprio rei da Northumbria Aldfrith, homem com grande conhecimento.

Em seu livro Bede narra à história eclesiástica da *gentis anglorum*, desde a chegada dos Romanos até seu tempo. Para conseguir escrever eventos do qual ele não havia participado, utilizou acervo de livros disponível na biblioteca, "ele tinha acesso a mais de trezentos livros, alguns dos quais tinham estados relacionados com o *Vivarium* de Cassiodoro." (BROWN, 1999:233). Boa parte trazida de Roma pelo abade Ceolfrid, e livros emprestados de outros monastérios. Também fazia uso de correspondências do período, mas "nunca será possível traçar o crescimento

do seu conhecimento histórico em detalhes ou para determinar exatamente qual o material estava disponível para ele em determinados momentos" (BLAIR, 1995: 71).

Beda escreve a respeito de seu própria *gentis*, ainda que em latim, e não possui sentimentos relacionados com o império romano, apenas com a Igreja romana. Ele é escrupuloso na descrição dos principais episódios da história romano-britânica, afirmava a veracidade de todos os fatos cuidadosamente descritos com seu poder de dramaticidade em seu livro, "Não deixaria que meus filhos lessem uma mentira" (BEDE, 1994, p, xv). Outro fator muito importante para ele era a cronologia dos acontecimentos, tanto que sua obra é dividida em cinco livros, o primeiro se inicia com a chegada dos Romanos e um pequeno apanhado histórico da igreja britânica indo até a chegada de Agostinho e encerra com a morte de Gregório I. O segundo livro inicia com um tributo a Gregório I, narra a tentativa de união entre as igrejas Britânicas e Irlandesas, e termina com a morte do rei Edwin da Nortumbria. O terceiro livro tem início com a história de Oswald e Oswy e termina com a consagração de Wighard como arcebispo de Canterbury. O quarto livro relata a consagração de Teodoro e os passos que ele tomou para organizar a igreja e termina com a morte de Cuthbert. O quinto e último livro inicia com a missão Frisia e termina com uma visão geral das condições da igreja no ano de 731. "Beda escolhe eventos importantes que marcam etapas distintas no progresso da Igreja Inglesa. Seu estilo é claro e natural, e um espírito de justiça anima toda a obra". (BEDE, 1994, p, xxi)

Ele foi o primeiro autor a tratar os diferentes grupos de colonos como uma única *gentis anglorum*, de certa forma os ingleses devem a existência enquanto povo aos fatos narrados por Beda e principalmente aos acontecimentos que levaram a unidade católica. Ele tinha uma grande preocupação com a questão da unidade da Igreja.

O livro de Beda é a história de como essa unidade foi alcançada, através da conversão da Inglaterra ao cristianismo e do estabelecimento de sua Igreja, ocorrido no início do século seguinte à missão de Agostinho e anterior à obra de Beda. (BURROW, 2013, p. 248.)

Beda era influenciado por sua profunda e devotada fé cristã. Ele escreveu os fatos não apenas para preservar a história eclesiástica da sua *gentis*, mas com o intuito de ajudar os outros clérigos a combater o paganismo e incentivar a boa

conduta através do registro de exemplos notáveis de bondade. Para ele questões disciplinares eram assuntos de bispos, não de monges, exceto dentro de seus próprios monastérios, por isso, ao longo de sua história preferiu reproduzir bons exemplos em vez de maus. Ele também queria obter a conversão da população, tanto que o texto foi originalmente escrito em latim, idioma utilizado pelo clero e não no idioma comum. Ele gostaria que suas narrativas fossem utilizadas em pregações, mostrando tudo que o cristianismo havia passado para combater o paganismo, e que agora os Britânicos estavam instruídos na fé cristã, eles não poderiam continuar a persistir em seus erros antigos.

### **As conversões régias: Clóvis e Etelberto**

Invasão ou migração? Como abordar o processo de entrada e assentamento de um conjunto de povos bárbaros nas províncias ocidentais do Império Romano? Se trata de uma substituição violenta e drástica dos habitantes provinciais por uma população conquistadora ou, na verdade, estamos diante de uma dinâmica de mútua colaboração entre recém-chegados e os autóctones? Nossa opção analítica busca superar essa dicotomia articulando-as numa perspectiva dialética, sem esquecer a necessidade de atentarmos para as especificidades regionais presentes em cada uma das experiências romano-bárbaras. Para tanto nos debruçaremos acerca de uma questão específica, qual seja a da conversão régia.

Na Antiguidade Tardia o problema religioso, que sempre desempenhará um papel relevante nas sociedades mediterrânicas, adquire uma importância ainda maior perpassando todos os aspectos daquela realidade social. Para Peter Brown nada demonstra melhor o irrefutável fato de que a vida nos moldes e critérios clássicos havia se tornado intolerável, em decorrência das transformações produzidas ao longo do III século, do que o desenvolvimento e consolidação na sociedade tardo romana de um certo conjunto de crenças. (BROWN, 1984: 1-20).

Por outro lado a religião também era algo de extrema relevância entre os bárbaros principalmente no que tange a formação e a preservação das identidades étnicas originadas a partir de determinadas linhagens (GARCIA MORENO, 2001: 30-31). O contato com o universo cultural romano primeiro no *limes* e depois dentro do território imperial traz profundas transformações na religiosidade bárbara com a progressiva e decisiva cristianização destes povos.

Os francos ao se assentarem no território das Gálias encontraram uma situação bastante complexa. Em primeiro eles próprios estavam divididos em grupos liderados por soberanos senhoriais. Além disso, existe a presença dos visigodos na região da Aquitânia, em torno da cidade de Toulouse, mas principalmente a existência de uma poderosa, influente e rica aristocracia galo-romana que se apega a Igreja e ao cristianismo niceniano como elemento central de sua identidade e resistência diante dos recém-chegados que ainda são pagãos.

É neste contexto que surge a figura de Clóvis que conseguirá realizar a união política dos francos e estender sua hegemonia por toda a região das Gálias por meio de uma série de vitórias militares e de uma política de alianças matrimoniais com outras monarquias. No entanto, o prestígio advindo dos triunfos militares não era capaz de resolver uma questão decisiva para a consolidação do poder de Clóvis, qual seja o alinhamento da poderosa aristocracia galo-romana a sua autoridade. Uma das dificuldades para tanto era o problema religioso.

Desta forma chegamos ao decisivo episódio do batismo de Clóvis. Por sua importância fulcral na nossa problemática precisamos analisar o episódio e a narrativa de nosso autor. Por sinal começemos por ela:

“A rainha fez vir em segredo são Remígio, bispo de Reims, para pudesse pregar ao rei a palavra da salvação. O bispo que foi feito vir em segredo começa a pregar que ele deveria crer no verdadeiro Deus, criador do céu e da terra e que abandonasse os ídolos que não podiam ser úteis nem a ele nem aos outros. O rei retrucou: ‘Eu já escutei três santos padres e de qualquer maneira resta o fato de que o povo que segue as minhas ordens não querem abandonar seus deuses, mas irei me entreter com a sua palavra’. Então ele foi para o meio de seu povo e antes mesmo que Remígio começasse a falar sobre o poder de Deus o ultrapassou e todo o povo gritou: ‘Nos rejeitamos os deuses mortais, piedoso rei, e este Deus imortal que Remígio prega que nos seguiremos...toda o templo do batistério esta impregnado de um odor divino e Deus concedeu uma tal graça que eles acreditaram ter sido transportados para o meio dos perfumes do paraíso. O primeiro que pediu para ser batizado, pelo pontífice, foi o rei. Ele avançou, um novo Constantino, para a piscina para se curar de uma antiga doença, de uma velha lepra...Mais de três mil homens de seu exército foram igualmente batizados...Uma outra irmã sua de nome Lantechilda se converteu igualmente. Ela tinha caído na heresia de Ario...” (GRÉGOIRE, 1996: 120)

A narrativa do episódio do batismo de Clóvis é marcada pelo Providencialismo, pelo menos numa primeira leitura. A conversão do rei dos Francos não é resultado da atuação do bispo Remígio, apesar deste ser exaltado por

Gregório de Tours como um grande orador, mas sim da intervenção direta de Deus que se manifesta por meio do povo (*populus* no original).

Portanto, a conversão de Clóvis é uma obra de direta de Deus, sem intermediação de nenhum clérigo, o que faz do monarca um ser especialmente escolhido e, por conseguinte destinado a realizar grandes proezas, principalmente em defesa da Igreja e do cristianismo. Esta expectativa se traduz quando Gregório de Tours descreve o rei dos Francos como um novo Constantino.

A narrativa de Gregório de Tours somente ganha um significado completo se nos lembrarmos que no momento em que escreve o livro II dos *Decem Libris Historiarum* entre os anos de 576-580 além da existência de poderes monárquicos concorrentes nas Gálias e das sempre presentes clivagens internas da aristocracia merovíngia, o bispo de Tours se vê envolvido numa polêmica religiosa com os embaixadores visigodos Agila e Oppila (ORLANDIS, 2004, p.80) e principalmente lhe chegam notícia da conversão ao catolicismo de Hermegildo.

Este acontecimento, apesar de não ter significado ainda, a conversão efetiva dos monarcas visigodos à fé niceiana, algo que somente aconteceria alguns anos mais tarde no reinado de Recaredo, entendemos ter sido percebido por Gregório de Tours como uma possível ameaça ao poder merovíngio nas Gálias diante das estreitas relações entre a aristocracia da Aquitânia e a Hispano-visigoda (ROUCHE, 1979).

Neste sentido o batismo de Clóvis é um ato político que estabelece uma ruptura com as tradições pagãs que sustentavam e legitimavam a realeza franca. Mais do que a atuação de um Providencialismo, que é uma estratégia narrativa, a conversão ao catolicismo do rei merovíngio deve ser analisado tendo em vista a necessidade da monarquia franca marcar sua independência e autoridade diante dos reinos visigodo de Alarico II e ostrogodo de Teodorico Amalo por um lado, e a busca de angariar o apoio da aristocracia galo-romana por outro.

A interpretação proposta é que a conversão de Clóvis que inicialmente pode aparentar possuir apenas um aspecto religiosa, na verdade assume, além desta dimensão, precisa ser entendida de uma forma mais ampla levando-se em consideração diversos elementos dentro os quais as questões políticas se revelam fundamentais. Tais considerações não invalidam as possíveis convicções religiosas do soberano franco, apenas estamos chamando a atenção de que o batismo régio

não pode ser compreendido em toda a sua dimensão se nos restringirmos a discussão acerca da vontade pessoal ou da crença do soberano merovíngio.

Por outro lado não podemos deixar de destacar a importância que os assuntos religiosos assumem neste momento na sociedade das Gálias do VI século, na verdade, esta importância marca todo o período da Antiguidade Tardia. A religião, no caso mais especificamente a conversão, ainda mais do soberano, é uma fenômeno que congrega em si grande parte das questões, tensões e conflitos que marcam este momento histórico. Talvez possamos ousar e afirmar que a religião paulatinamente se transforma em uma espécie de linguagem na qual as questões, tensões e conflitos se traduzem.

Mas deixemos momentaneamente as Gálias e vamos rumar para as Ilhas Britânicas. Passemos então a analisar o caso da conversão de Etelberto. Na parte sul das Ilhas Britânicas após a conquista imperial podemos verificar uma forte romanização econômica e cultural, o latim era normalmente utilizado em documentos romanos civis. A grande maioria da população falava o idioma Britânico, mas uma pequena elite Romano-Britânica falava o latim, que logo depois da retirada do Império Romano deixou de ser utilizado. Já nas partes norte e ocidental a romanização teve mais o caráter militar.

O Império Romano retira seus exércitos por volta do ano de 410, e encerra sua administração provincial. Não podemos afirmar se os Romanos teriam alguma pretensão de retornar, se tinham não o fizeram deixando para trás apenas os rastros de sua ocupação:

(...) Moradias foram abandonados, urbanismo tinha praticamente terminado, o campo foi parcialmente abandonado em torno do foco militar da Muralha de Adriano, (...) e toda a produção artesanal de grande escala cessaram. Em nenhuma outra parte do império a queda na economia tão abrupta e total, que também refletiu uma crise social aguda . (WICKHAM, 2010, p151).

De acordo com alguns escritos do período, no ano de 500 as Ilhas Britânicas estavam divididas entre pequenos governantes, também chamados de reinos. "Uma colcha de retalhos de pequenas unidades políticas tinha substituído o Estado romano. No leste da Grã-Bretanha havia até agora um conjunto semelhante de micro-reinos governados por imigrantes anglo-saxões " (WICKHAM, 2010, p151). Eles chegaram às Ilhas Britânicas, a maioria vindos da Saxônia, norte da Alemanha, e falavam uma variação de idiomas Saxônicos, tinham grandes habilidades em

trabalhos manuais, construía barcos de grande qualidade e utilizavam os metais e as pedras preciosas para suas armas e joias. Esses imigrantes também traziam com eles toda sua cultura, forma de governo e religião. Eles formavam uma sociedade,

(...) não eram controlados por qualquer ocupante do poder militar, e não sabiam nada de qualquer sistema universal de direito, tributação ou escolaridade, a segurança do indivíduo não se encontram dentro de qualquer concepção de um estado, mas dentro da muito menor unidade da família. (...) (BLAIR, 1995, p. 31).

Os reis e guerreiros procuravam dar legitimidade ao seu poder e superioridade em suas origens distantes. “Instalados em fortes romanos ao longo do mar do Norte, os reis da Ânglia Oriental afirmavam descender, simultaneamente, do deus da guerra Odin e de César” (BROWN, 1996, p, 215). Em algumas regiões o Cristianismo Romano havia se transformado em um Cristianismo Céltico, onde eles apenas agregavam o deus Cristão a seus vários outros deuses.

Em certas regiões do Ocidente da Britânia é possível que os saxões tenham recebido o Cristianismo dos príncipes romano-britânicos, ou até do seu próprio campesinato, também ele romano-britânico, para quem o Cristianismo continuara a ser uma religião popular (BROWN, 1999, p, 215).

A base do processo que conduziu o cristianismo, e os elementos culturais da antiguidade tardia para as regiões além das fronteiras com Império romano foi no mínimo complexo. Uma das primeiras formas usada para divulgar o cristianismo que se tem memória foi o monasticismo.

Monges eram o mais adequado para as missões, não somente por serem rigidamente disciplinados e obedientes a seus superiores, mas o ideal de monástico envolvia renúncias e deslocamento físico e de privações para o corpo, faz com que eles estejam preparados para se mudarem para lugares potencialmente hostis e com consideráveis dificuldades. (COLLINS, 1991.p. 233)

Segundo John Burrow, os reis das diversas entidades políticas vigentes, onde o território foi dividido pelos invasores, foram de crucial importância para o sucesso do empreendimento missionário cristão, seu apoio era praticamente uma garantia de sucesso; sua oposição representava um sério revés.

No ano de 597, Gregório I enviou para a Bretanha uma missão para tentar restaurar a ordem cristã. O grupo era composto por bispos e monges, destacando-se Agostinho, que viria a ser o primeiro arcebispo de Canterbury, e tinham como objetivo obter a conversão dos povos saxônicos ao cristianismo.

As informações que temos a respeito da jornada dos missionários de Roma para Inglaterra são através das cartas de Gregório I, escritas a partir de julho de 596, destinadas a clérigos e leigos que estavam em posição de ajudar na missão.

(...) quando Gregório I enviou a sua imponente embaixada a Etelberto, rei de Kent, em 597, esperava talvez a ressurreição rápida da ordem cristã antiga na Britânia, tal como existira no último século do domínio romano: os bispos metropolitanos voltariam aos antigos centros romanos de governo em Londres e York, cada um assistido por doze colegas para as cidades menos importantes. (BROWN, 1999, p. 224).

Beda fala que a comitiva encontrou vários problemas antes mesmo de chegar a seu destino final, o reino de Kent. Mesmo seguindo todas as ordens, os monges foram atacados enquanto estavam no caminho. Por mais que os romanos já tivessem o conhecimento de guerras e da fome, eles entraram em consenso e decidiram que seria melhor para eles retornarem para casa do que continuar entrando em um território de selvagens bárbaros sem crença e do qual a língua eles nem conheciam. Agostinho foi o escolhido para retornar a Roma e discutir os problemas da missão com Gregório.

Gregório acreditava que a missão poderia falhar, não pela falta de fé de seus membros, mas pela falta de liderança. Então ele mandou que Agostinho, agora como abade, retornasse para seus companheiros com uma carta de Gregório dizendo que eles deveriam confiar em Deus e obedecer e seguir todos os comandos de Agostinho, “Eles não podem se deixar desencorajar pelas dificuldades encontradas na jornada ou pela língua do homem mau” (BLAIR, 1995, p. 49). Gregório encaminhou também uma carta para o arcebispo de Arles os recebessem e os ajudasse a seguirem viagem.

Depois de serem encorajados e com a ajuda de um intérprete franco, a comitiva com aproximadamente 40 monges conseguiu chegar ao reino de Kent. Os missionários encontraram uma Bretanha muito diferente, com um rei saxônico decidido a utilizar todos os recursos, incluindo uma nova religião, para manter o seu

próprio estilo de senhorio local. Beda nos diz que Etelbeto, rei de Kent, era um homem muito poderoso que havia conseguido aumentar as fronteiras de seu reino.

E assim que a embaixada chega a Kent, Agostinho informa o rei que eles vieram de Roma e que traziam boas notícias, prometiam obedecer as suas ordens, e diziam que ele deveria se alegrar e crer em um paraíso com um único reino sem fim onde vivia o verdadeiro Deus. Etelberto ordenou que os recém-chegados tivessem o que fosse necessário até ele descobrir o que seria feio com eles.

Segundo Beda, Etelberto já tinha conhecimento a respeito do cristianismo, pois era casado com uma princesa franca cristã, chamada Berta, com que ele foi casado durante quinze anos. Ele ainda afirma que o casamento foi feito sob a condição de que mesmo após o casamento Berta tivesse a permissão de continuar praticando sua fé cristã com o bispo franco Liudhard.

Dias depois Etelberto se encontrou com os missionários em um lugar aberto, uma precaução contra possíveis feitiços ou algum ataque. Mas as únicas coisas que os missionários trouxeram foi um crucifixo de prata e uma imagem de cristo em uma bandeira. Eles pregaram e oraram para o rei, que os permitiu continuar suas pregações e cedeu a eles um lugar para viverem em Canterbury. Os missionários começaram a seguir a vida apostólica e o cristianismo primitivo.

Beda narra que, Etelberto se sentindo compadecido e se sentindo encantado com a vida dos homens santos, suas promessas e milagres, decide se converter e ser batizado na religião cristã .

Gregório I mantinha contato através de cartas com Etelberto e muitas de suas cartas eram acompanhadas de presentes, honrarias ao rei e até a compara-lo com Constantino. Acredita-se que a própria rainha tenha respondido várias das cartas em Latim de Gregório, pois, ela era uma mulher muito bem educada. Em uma de suas cartas Gregório chegou a dizer,

(...) edificai os costumes de seus assuntos pela grande pureza de sua vida, com palavras de exortação, o medo, justo, discurso, correção e cantaremos exemplo de fazer o bem: que você possa encontrá-lo no céu, cujo conhecimento e nome que você faz para ser ampliado sobre a terra. Para Ele próprio também fazer o seu nome o mais famoso até a posteridade, cuja honra que você procura e manter entre as nações (BEDE, 1994, p, 171).

Etelberto publicou as *Leis de Edelberto*, fazendo com que se aproxima-se da figura de Clovis, mas suas leis “não foram escritas em latim, mas em anglo-saxão.

Trata-se de uma clara indicação de firmeza de objetivos e capacidade de adaptação” (BROWN, 1999, p, 226).

Muitas perguntas não são respondidas por Beda como, a data de quando Agostinho chegou a Canterbury ou quando foi à conversão do rei Etelberto. Sabendo do profundo interesse de Beda por cronologia, Peter Blair, afirma que essas mesmas questões possam ter passado pela cabeça de Beda, mas não se tem nenhuma outra evidência a respeito da cronologia desses fatos apenas as cartas de Gregório I, que não respondem a essas perguntas.

### **Considerações finais**

O processo de cristianização que marca indelevelmente o período da Antiguidade Tardia atingiu também os monarcas tanto romanos quanto dos nascentes Reinos Bárbaros. Na análise da conversão destes soberanos torna-se simplesmente impossível separar o elemento puramente religioso de um contexto político muito maior. A conversão ao cristianismo parecia ser algo muito atrativo para aqueles que se convertiam, pois trazia junto com ele outros tipos de benefícios.

O cristianismo era uma religião de livros, que dependia do conhecimento da leitura e da escrita para se ter o entendimento de suas características centrais, suas mensagens e as formas como elas eram interpretadas e que havia se apropriado do instrumental intelectual da Paidéia romano-cristã especialmente no que tange ao recursos retóricos.

Os dois episódios analisados demonstram que estamos diante de uma narrativa que lança mão de um conjunto de estratégias retóricas consagradas pela Paidéia romano-cristã numa perspectiva providencialista do processo histórico. Estes aspectos podem ser percebidos claramente quando a utilização de forma narrativas bastante semelhantes nos dois textos quando da descrição do episódio do batismo. Em ambas a intervenção direta da divindade é sublinhada tanto pra destacar a relevância do acontecimento, mas também por ser um topos retórico recorrente que pode ser buscado nos Evangelhos.

Além disso, o apoio da Igreja cristã era um poderoso elemento de legitimação do poder monárquico, porém a conversão deveria atender também aos interesses régios de manutenção de sua autoridade e autonomia em relação a própria Igreja e as demais reinos bárbaros.

Podemos concluir, portanto, que os processos de conversão dos reis bárbaros ao cristianismo responde tanto a questões religiosas, mas também a interesses políticos. Em ambos os casos estudados a conversão foi utilizada como uma forma de afirmação de poder e de independência em relação as demais monarquias surgidas após a fragmentação da autoridade tardo romana.

## REFERÊNCIAS

- Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- BEDE. **Historical Works.** Vol I, Vol II. Ecclesiastical History of the English Nation. London: Harvard University Press, 1994.
- BLAIR, Peter Hunter. **The World of Bede.** New York: Cambridge University Press, 1995.
- BLOCH, Marc. Comparaison. In: BLOC, Marc. **Histoire & Historiens.** Paris, Armand Colin, 1995. p.87-93.
- BROWN, Peter. **Genèse de l'Antiquité Tardive.** Paris: Gallimard, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente.* 1º edição. Lisboa: Editorial Presença, 1999.
- COLLINS, Roger. **Early Medieval Europe 300-1000.** London: Macmillan, 1991.
- CRUZ, M. Religiosidade tardo antiga e cristianização do Império Romano. Fronteiras. **Revista de História,** v.12, n.21, 2010. Disponível em <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/issue/view/51/showToc>>. Acesso: 15 set. 2014.
- FRIGHETTO, Renan. A “longa Antiguidade Tardia”: problemas e possibilidades de um conceito historiográfico. In: Por uma longa duração: perspectivas dos estudos medievais no Brasil. **Atas da VII Semana de Estudos Medievais.** Brasília: Programa de Estudos Medievais, 2010. p.101-121.
- GARCIA MORENO, Luis. **La construcción de Europa. Siglos V-VIII.** Madrid: Editorial Síntesis, 2001.
- GRÉGOIRE DE TOURS. **Histoire des Francs.** Paris: Belles Lettres, 1996.
- GOFFART, Walter. **The Narrators of Barbarian History. (A.D 550-800).** Indiana: University of Notre Dame Press, 2005.
- ORLANDIS, J. **Europa y sua raíces cristianas.** Madrid: Rialp, 2004.
- PUIG, Armand. **Jesus. Uma biografia.** São Paulo: Paulus, 2010.

ROUCHE, Michel. **Clovis**. Paris: Fayard, 1996.

THEISSEN, Gerd; MERZ, ANNETE. **O Jesus Histórico. Um manual**. São Paulo: Edições Loyala, 2004.

WICKHAM, Chris. **The Inheritance of Rome**. A History of Europe from 400 to 1000. London: Penguin Books, 2010.

## NOTAS

---

<sup>i</sup> Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso. Membro fundador do VIVARIUM – Laboratório de Estudos da Antiguidade e Medieval. marcusacruz@uol.com.br

<sup>ii</sup> Graduanda em História - Vinculação Acadêmica: Universidade Federal de Mato Grosso -UFMT – Bolsista: Iniciação Científica Voluntária – Grupo de Pesquisa: Vivarium – Orientador: Prof. Dr. Marcus Cruz – itajara1@hotmail.com